

PERDIDO NA INTENSIDADE DA CONCENTRAÇÃO ESPECTADORES ESPORTIVOS E ESTRATÉGIAS DE REENCANTAMENTO¹

Dr. Hans Ulrich Gumbrecht
Stanford University

Algumas vezes, as reações dos atletas profissionais tornam-se momentos particularmente inspiradores na vida de profissionais de Humanidades. Pois apenas os profissionais podem confirmar se nossas tentativas de construções conceituais estão em uma boa direção e, ao mesmo tempo, apenas eles têm a autoridade para justificar o esforço em levar adiante certos pensamentos que começam a emergir em nossas mentes como arrojados e, conseqüentemente, muitas vezes como imprecisos. Um tal momento intelectual decisivo aconteceu quando, durante um colóquio sobre “O Corpo Atlético” organizado pelo Departamento de Atletismo e pelo Departamento de Literatura Comparada na Universidade de Stanford, em 1995, Pablo Morales, três vezes medalhista de ouro olímpico em nado borboleta, explicou, quase *en passant*, como o viciante desejo de “perder-se na intensidade da concentração”² havia lhe trazido de volta às competições esportivas após uma primeira aposentadoria e em uma idade que simplesmente parecia impossibilitar qualquer performance de sucesso em nível mundial em seu esporte.

Muito explicitamente, o complexo conceito de Morales referia-se tanto à experiência do espectador quanto a do atleta. Pois o que lhe havia trazido de volta a impressão de “perder-se na intensidade da concentração” como algo com o que ele não poderia viver sem, foi uma transmissão televisiva de uma prova da Olimpíada de 1998: “Eu nunca me esquecerei de ter visto a grande velocista Evelyn Ashford, no último

¹ Tradução autorizada pelo autor em 27 de março de 2009.

² Citado do meu livro *In Praise of Athletic Beauty*, Boston 2006 (Harvard University Press), p. 50. Esse livro é a fonte de diversos fatos históricos e, sobretudo, o ponto de partida para alguns conceitos e motivos que buscarei desenvolver nas próximas páginas.

trecho, sair de trás e ganhar a medalha de ouro para os Estados Unidos. A corrida foi mostrada até o final, e depois houve um *replay*, mas, desta vez, com a câmara focalizada no rosto de Ashford, antes, durante e depois de sua corrida. Seus olhos primeiro percorreram a pista oval, depois se concentraram no bastão, depois na curva adiante. Abstraída da multidão, abstraída mesmo de sua competição, eu a vi perdida na intensidade da concentração. O efeito foi imediato. Eu tive que sair da sala. Mas quando eu pensei em minha reação nas horas seguintes, eu compreendi o que eu tinha perdido; aquele sentimento especial de perder-se na intensidade da concentração”. A narrativa de Pablo Morales ajudou-me a distinguir três diferentes dimensões da experiência esportiva. Primeiro, a palavra “perder-se” indica um isolamento e distância peculiares dos acontecimentos esportivos em relação ao mundo cotidiano e suas preocupações, que é comparável ao que Immanuel Kant denominou de “desinteresse” da experiência estética. Em segundo lugar, aquilo no qual os atletas e espectadores “se concentram” – como algo já presente ou ainda por vir – pertence ao reino das epifanias, isto é, aos acontecimentos de aparição, mais precisamente aos acontecimentos que mostram corpos em movimento como formas temporalizadas. Finalmente, tanto a experiência quanto as expectativas de epifanias são acompanhadas por halos de intensidade, isto é, por estados de um grau quantitativamente alto de percepção de nossas emoções e de nossos corpos.

Descrever a experiência dos atletas como “perder-se na intensidade da concentração” sugere que os esportes podem se transformar, tanto para atletas quanto para espectadores, em uma estratégia de reencantamento secular. Porque “perder-se” converge com a definição do sagrado como um reino cuja fascinação reside em estar à parte de nossos mundos cotidianos; epifanias pertencem à dimensão do reencantamento precisamente porque a condução em direção à abstração, promovida pela modernidade, tendeu sempre a substituí-las por “representações”, isto é, por modos não-substanciais de aparição. Do mesmo modo, *intensidade* assinala um nível em nossas reações ao mundo e a nós mesmos que está normalmente destinado a desaparecer na trajetória de desencantamento (que se tornou estranhamente tão normativo a nós) – e que, pela mesma lógica, transforma-se em um predicado de reencantamento. Ainda mais que, em alguns outros casos de reencantamento secular, parece evidente que podemos nos referir à prática de esportes e ao fato de assisti-los como “estratégias” sociais. Por enquanto ainda não é claro o que exatamente essas práticas podem substituir na cultura contemporânea, e enquanto nós não as associamos a um único propósito ou a uma função mais ampla, há uma impressão de que a crescente presença e importância dos

esportes hoje substituíram algo – e devem de fato estar substituindo algo – que nós perdemos.

Em quatro breves reflexões eu tentarei recuperar alguns dos aspectos de um mundo anteriormente “encantado” que, a maior parte do tempo de forma inconsciente, nós recuperamos quando assistimos e praticamos esportes. Em primeiro lugar, eu irei focalizar a performance do atleta como um acontecimento que possibilita a ocorrência de (algo que equivale a) milagres, e tentarei, então, identificar componentes de reencantamento, acima de tudo efeitos de “epifanias” na experiência dos espectadores. Minha terceira seção será dedicada ao estádio como um lugar “sagrado”, e irei concluir descrevendo um tipo específico de “gratidão” que vincula muitos espectadores à presença e à memória de seus atletas favoritos.

I.

Graças ao seu complexo conteúdo teológico, ler apenas umas poucas odes de Píndaro é suficiente para compreender como atletas vitoriosos eram considerados “heróis” na Grécia antiga – “heróis” sem a distância ou a ironia que nós normalmente sugerimos hoje em dia quando usamos esta palavra – e, como heróis, eram semideuses. Porque não havia nenhuma dúvida de que, nos grandes momentos de performance dos atletas, o poder dos deuses – e, de fato, os deuses eles mesmos – tornavam-se presentes no corpo dos atletas e no espaço. Assistir atletas competindo dava a seus espectadores a certeza de estar perto dos deuses. A expectativa de que os deuses desejariam se envolver em competições atléticas era consistente com o que os gregos acreditavam saber sobre a maior parte deles: pense em Hermes e em Afrodite, em Hefesto, Poseidon, e, acima de tudo, em Zeus, e você irá compreender como as identidades desses deuses eram baseadas em diferente tipos de destrezas físicas. Tanto a *Ilíada* quanto a *Odisséia* deixam claro que, baseados em sua força física, esses deuses estavam constantemente competindo entre si, que *agon*, isto é, luta e competição, era sua forma de vida central – e, freqüentemente, de fato a única razão deles se interessarem por humanos.

A proximidade dos deuses, cuja presença concreta o *agon* dos atletas supunha-se ajudar a evocar e personificar, torna-se a razão pela qual todos os jogos pan-helênicos, mais obviamente os jogos em Olímpia e Delfos, eram organizados em torno de santuários religiosos. Pois o aparecimento dos Deuses era um tipo de evento que se supunha tornar-se real no espaço – e pode muito bem ter sido desta premissa que Martin Heidegger tomou a inspiração para descrever o que ele chama de “desvelamento do ser”

e o “acontecimento da verdade” por meio de uma topologia espacial – isto é, como “domínio”, como “aproximação” – e através de uma interpretação etimologizante da “objetividade” como aproximação em um movimento horizontal.³ Ao mesmo tempo, uma cultura que, como a cultura grega antiga parece ter sido, considera a presença dos Deuses como uma possibilidade permanente, não se inclinará a usar palavras como “milagre” e escolher uma dimensão específica do “miraculoso”. Uma vez mais, entretanto, as odes de Píndaro tornam claro para nós que as maiores vitórias olímpicas eram vistas como acontecimentos de presença divina, isto é, como acontecimentos que excediam os limites do humanamente possível. Se poderia mesmo especular que os gregos não se importavam em manter recordes, isto é, em saber até onde um disco foi arremessado ou quanto um corredor distanciou-se de seus oponentes, porque o poder divino tornaria ridícula qualquer tentativa de mensuração.

Obviamente, e por muitas boas razões, é considerado um sintoma de mau gosto intelectual na cultura de hoje chamar uma performance atlética de “divina” ou apreciar sua dimensão de potencial quebra de recordes como “miraculosa”. Nas últimas décadas, vários esportes desencadearam o desenvolvimento de métodos de treinamento cientificamente embasados – e em vários países isto levou ao surgimento de uma disciplina acadêmica capaz de explicar de forma racional o que os gregos tomavam como inspiração divina em performances atléticas. Os atletas bem sucedidos de hoje são todos muito bem conscientes do quanto eles dependem do progresso de pesquisas altamente especializadas, e eles também aprenderam a traçar uma fronteira clara entre esta base necessária de sua performance e o que eles consideram ser vestígios de superstições pessoais. Mas como eles vivem pessoalmente e lembram seus momentos mais inspirados converge fortemente com a tradição de pensar o reencantamento como presença divina. A partir desta perspectiva, eu considero significativo que “being in the zone”⁴, uma metáfora espacial, tenha se tornado hoje entre os atletas um modo convencional de evocar momentos particularmente inspirados, momentos que desafiam toda explicação racional. Aqui está uma descrição de como é sentir-se “in the zone” escrita por meu aluno J.R. Lemon, um dos melhores *running backs* na história do

³ Para maiores evidências acerca dessa tese assim como uma lista de referências a Heidegger ver Hans Ulrich Gumbrecht, *Production of Presence: What Meaning Cannot Convey*, Stanford [Stanford University Press] 2004, p. 64-78.

⁴ A expressão “being in the zone” significa algo próximo a “entrar na área” ou “entrar na pista”. Entretanto, essa tradução não seria um correspondente fiel a “being in the zone”. Por isso, optamos por mantê-la em inglês (Nota do tradutor).

futebol de Stanford: “Quando um jogador *entered the zone*,⁵ um estado de hipersensibilidade e tensão toma lugar. Isto explica a aparente facilidade de minha corrida até a área final. Não é que eu não esteja me esforçando tanto quanto os outros jogadores em campo. É apenas que, neste estado de hipersensibilidade, as coisas se movem muito mais devagar do que para o resto dos jogadores. Meus sentidos estão atentos ao que está acontecendo ao meu redor e fazem com que eu reaja um pouco mais rápido que os outros jogadores, fazendo com que eu pareça mais fluente”. Obviamente, J.R. Lemon evita uma linguagem religiosa nessas sentenças, embora ele certamente não esteja sugerindo que “being in the zone” seja um estado completamente sob o controle de suas intenções. Um jogador deve estar física e mentalmente bem preparado para estar aberto para este estado – mas isso não é suficiente. O que mais precisa acontecer para um jogador “to be in the zone” dependerá, como diríamos hoje, dele estar “ligado”, de um jogo específico ser ou não “dele” – dependerá do que os gregos teriam chamado de inspiração divina.

II.

Se, para um atleta, “being in the zone” é um estado de cujo aparecimento ele está esperando “na intensidade da concentração”, o foco do espectador, principalmente em esportes coletivos, concentra-se na emergência de belas jogadas. Belas jogadas são a epifania da forma. Sim, em última instância a maior parte dos torcedores deseja ver “seu” time vencer – mas se a vitória fosse tudo, seria suficiente checar o resultado final a cada rodada. Uma bela jogada, por exemplo J.R. Lemon recebendo a bola de seu *quarterback* e encontrando uma brecha na linha de defesa do time adversário, através da qual ele atravessa correndo para outro *first down*, é uma epifania da forma porque tem sua substância no corpo dos atletas participantes; porque a forma produzida por ela é improvável e, conseqüentemente, um acontecimento, obtido contra a resistência da defesa do outro time; finalmente, e, acima de tudo, a bela jogada é epifania porque é uma forma temporalizada, uma forma que começa a desaparecer no processo mesmo de sua emergência.

Para cada torcedor específico, uma bela jogada realizada por seu time produz um instante de felicidade. Nós respiramos profundamente e, por um momento, compreendemos como o sucesso e a confiança dos jogadores tornam-se contagiosos e

⁵ Entrar na área seria a tradução próxima para “entered the zone”, porém resolvemos manter o termo em inglês, pois “entrar na área” não traduziria de modo fiel àquela expressão (Nota do tradutor).

parecem carregar-nos. Isto é, pelo menos, o que a maior parte dos espectadores espera que aconteça com eles, mais precisamente – e sem que tenham consciência disso –, aqueles espectadores que interiorizaram as regras dos jogos e seus ritmos, e que não têm um interesse profissional em analisar o que está acontecendo no campo, como no caso de treinadores ou jornalistas. Esses espectadores, poderíamos chamá-los de “torcedores comuns”, que podem permitir-se dar vazão a suas emoções, logo irão se sentir como tornando-se parte de um maior, comunal (antes que coletivo) corpo. É no interior deste corpo comunal que espectadores que nunca antes haviam se encontrado, e que nem irão se encontrar de novo, sentem-se confortáveis para abraçarem-se, e é este corpo comunal que gosta de fazer o movimento da “ola”. Ver a si mesmo fazendo tal movimento e ouvir o barulho que ele pode produzir em certos momentos do jogo provoca uma autoconsciência que amplia a coesão do corpo de espectadores. O corpo de espectadores comunal pode tornar-se a base para os torcedores sentirem-se unidos aos jogadores de seus próprios times e pode, em raras e gloriosas ocasiões, mesmo conquistar o outro time e seus torcedores. Este era o clima quando, na noite de inauguração do Estádio Austrália, em Sidney, o time de Rúgbi da Nova Zelândia obteve uma sensacional vitória sobre seu arquirrival Austrália – no que os jornais, mesmo na Austrália, celebraram unanimemente como “um dos maiores jogos da história do rúgbi”.

Parece existir um nível de participação onde o deleite e a apreciação de belas jogadas excedem o desejo de vitória, onde a convergência comunal ultrapassa a dinâmica da rivalidade. A ambigüidade inerente a tais momentos certamente aparece em outros tipos de corpos comunais, sobretudo naqueles moldados por experiências religiosas. Deve ter sido a promessa de ultrapassar a reclusão individual que motivou uma das mais canônicas interpretações da Igreja Cristã como “corpo místico de Cristo”. Mas a história nos mostra como, em certos momentos, os “corpos” de diferentes denominações tomam forma uns contra os outros, levando a devastadoras guerras religiosas, enquanto, em outros momentos, comunidades religiosas abriram-se entusiasticamente para fusão e felicidade ecumênicas. Se hoje as divisões que separam as diferentes interpretações e formas do Islam parecem ser mais irreconciliáveis que nunca, o nosso momento é mais favorável à co-celebração no interior da cristandade. E pode não ser por acaso que estádios construídos para times esportivos sejam usados como local de eventos religiosos de massa. Enquanto comunidades religiosas continuarem existindo é banal – e, simplesmente, inadequado – dizer que o esporte tornou-se “a religião do século XXI”. Mas é óbvio como o esporte e um entusiasmo

renovado por experiências religiosas estão convergindo hoje como meios de reencantamento do mundo moderno.

III

Diante deste pano de fundo, não é preciso grande imaginação teórica para ver que os estádios têm um *status* de espaços sagrados. Eles ganham uma aura por serem visivelmente disfuncionais, isto é, por serem manifestadamente diferentes dos espaços e construções que preenchem funções predefinidas em nosso cotidiano. De um ponto de vista econômico, não há nada mais contraintuitivo na cultura contemporânea que construir novos estádios em áreas ao centro, onde os bens imobiliários são extremamente caros. Pois as instalações esportivas não apenas não permitem a construção de altos edifícios, que normalmente maximiza a eficiência financeira do terreno adquirido; acima de tudo, os estádios ficam vazios durante a maior parte da semana, e, freqüentemente, mesmo durante maiores intervalos de tempo.

Isto não apenas explica porque estádios vazios, como espaços sagrados, têm um apelo quase irresistível sobre torcedores apaixonados. Sobretudo, estádios como lugares sagrados são espaços que exigem e provocam um comportamento ritualizado durante aqueles relativamente breves momentos nos quais são utilizados. Estar em um estádio, tanto para atletas quanto para torcedores, não é, fundamentalmente, uma questão de inventar e mostrar ações individualizadas. É uma questão de inscrever-se, fisicamente, em uma ordem preexistente, que permite apenas limitados espaços de variação. Cada acontecimento, cada país, cada momento na história do esporte, desenvolve seus próprios rituais, atitudes e gestos, que abrem uma dimensão para intermináveis interpretações individuais. Pense nas transformações históricas graduais nos uniformes dos diferentes esportes, nas mudanças das atrações dos intervalos das competições, ou nos sinais de tensão ou respeito mútuo entre os jogadores de equipes rivais (da correção arcaicamente “esportiva”, passando pelo antagonismo abertamente sórdido até o falso sorriso de amizade das estrelas midiáticas).

Por entre a multiplicidade do colorido desses desenvolvimentos há, entretanto, um padrão estrutural que se impõe em qualquer evento esportivo – e esta forma relaciona-se claramente com a natureza do estádio como lugar sagrado. É o contraste entre momentos de vazio ou inatividade e momentos preenchidos com a atividade corporal mais intensa, um contraste que, reiterado em muitos diferentes níveis, mimetiza a relação entre os estádios quase sempre vazios e o movimentado ambiente urbano ao

seu redor. Quando o torcedor comum entra no estádio, meia hora ou dez minutos antes do início do jogo, ele irá ver e ser imediatamente atraído pelo campo de jogo vazio, que é uma promessa do momento iminente em que as equipes entrarão em campo. É no momento totalmente não-surpreendente, mas, ainda assim, explosivamente excitante, em que os times adentram em campo que os torcedores são absorvidos em sua identidade e ações comunais.

Após essa cena inaugural, o contraste central passa a ser a diferença constantemente repetida entre movimentos lentos (ou *stasis*) e a velocidade e poder típicos da performance atlética. Não há, provavelmente, nenhum outro esporte coletivo que exiba mais fortemente o potencial deste elemento que o futebol americano. Precedendo cada jogada, dois times com onze jogadores ficam um de frente para o outro, como imagens congeladas, traçando complicadas formas no campo. O que pode se seguir, após o segundo em que o *center* lança a bola ao *quarterback* para iniciar uma nova jogada, não é completamente coberto pelo contraste entre a bela (ofensiva, neguentrópica) jogada e os destrutivos (entrópicos) poderes da defesa. Pois o futebol americano também proporciona um tipo de situação na qual, após os segundos de dupla imagem congelada, não acontece nem forma e nem caos, razão para este “nem/nem” resultar em *delayed game* ou *offside*. Atendendo tal chamada, os jogadores voltam para as linhas laterais para falar com seus treinadores, antes de se alinharem novamente. Nada de relevante ao jogo aconteceu enquanto isso. E é esta impressão de “nadicidade” que importa.

Pois bem se poderia especular que jogadores e torcedores em um estádio produzem conjuntamente, em diferentes níveis, uma incorporação daquilo que Martin Heidegger, no movimento de abertura de sua *Introdução à Metafísica*, identificou como uma questão filosófica primordial, isto é, a questão de porque existe algo como oposto a nada.⁶ Esta questão pode muito bem provocar vertigens existenciais em qualquer um que se atreva a pensar em suas possíveis conseqüências. Mas incorporar uma questão é diferente de pensá-la e de se expor ao seu impacto existencial. Certamente, os jogadores e torcedores não têm qualquer idéia do que eles podem estar incorporando – e menos ainda uma intenção de fazê-lo. É como se, no espaço sagrado do estádio, eles obedecessem a um mandamento religioso para o qual não estão disponíveis nem palavras e nem uma teologia.

⁶ Heidegger. *An Introduction to Metaphysics*, trad. Ralph Manheim (Yale, 1986), p.1.

IV

Ao falar e escrever sobre esportes de um ângulo histórico há uma tendência em superestimar momentos de repetição que sugerem continuidade, uma tendência que provavelmente advém da – indubitavelmente adequada – intuição de que nossa participação em esportes, tanto como atletas quanto como espectadores, remonta a camadas muito básicas da existência humana e, conseqüentemente, meta-históricas. Contra esta tendência de focar invariantes históricas é importante ressaltar que, por outro lado, as circunstâncias sob as quais tais camadas básicas de nossa existência estão sendo ativadas por esportes indicam uma história de impressionante descontinuidade.⁷ Houve momentos, entre a cultura da Grécia antiga e hoje, nos quais teria sido difícil descobrir qualquer fenômeno parecido com a nossa presente noção de “atletismo”. Nenhum dos esportes coletivos, por exemplo, cuja popularidade incomparável no início do século XXI nos tenta a identificá-los com o esporte em geral, existiu antes de meados do século XIX. As multidões que eles atraem, aos estádios e para a mídia, têm crescido constantemente nos últimos cem anos – e parecem continuar a crescer. Assim, a idéia que se torna irreprimível (e talvez mesmo irrefutável) é a de que a – ao menos quantitativamente – triunfante história de esportes coletivos como “esportes de torcedor” aponta para uma nova e importante função de compensação, uma função de compensação e reencantamento secular – em um tempo onde o processo ocidental de secularização e desencantamento do mundo (no sentido de Max Weber) pode ter alcançado um estágio próximo à perfeição em nossa esfera pública globalizada. Pois existe algum fenômeno que hoje se permite ser publicamente não-racional e não-pragmático?

Nós podemos perguntar também, neste contexto, porque os times e suas epifanias de forma coletivamente produzidas parecem fascinar-nos hoje até mais que os jogadores ilustres que os compõem, e porque estamos nos afastando, mesmo que lentamente, daquele tipo de concentração quase exclusiva nos atletas individuais que caracterizava os esportes na Grécia antiga ou do mundo impressionantemente popular do boxe profissional na Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX (hoje, jogadores que cultivam infinitamente seu estrelato individual, como a estrela do futebol inglês David Beckham, claramente diminuem seu *status* no interior do mundo

⁷ Mais evidências sobre esse ponto de vista são apresentadas no segundo capítulo de *In Praise of Athletic Beauty*.

dos atletas). Uma possível explicação poderia ser a de que, em sua forma presente, o reencantamento proporcionado pelo esporte (e outros fenômenos) não mais parece ser um dom dados pelos deuses a atletas que são semideuses, mas, provavelmente, é um resultado do comportamento bem coordenado – e talvez mesmo sacramentalmente coordenado. É difícil prever aonde este desenvolvimento irá nos levar. De qualquer forma, o esporte, com seus efeitos de reencantamento, conquistou uma larga proporção do mundo do prazer contemporâneo. Como tal, ele se coloca em um severo contraste com o mundo público e profissional, que dificilmente poderia ser mais desencantado. Deveríamos tomar as mais recentes conquistas da moda (você pode usar bonés de baseball e roupas esportivas da Nike em seu escritório) como uma indicação de um futuro no qual o esporte transbordará até a dimensão racional de nossa existência coletiva?

Hoje, muitos de nós ainda sentem estes efeitos benéficos do esporte como compensação de coisas que parecemos estar perdendo e já podemos ter perdido irreversivelmente no processo do desencantamento moderno. Entre elas, o efeito de manter aberto um espaço para o corpo em nossa existência. Isto explicaria porque tantos torcedores (e eu sou certamente um deles) experimentam tanto uma intensa quanto uma vaga gratidão em relação aos seus heróis mais admirados. É uma gratidão “vaga” porque de algum modo nós sabemos que atletas antigos ou contemporâneos, como pessoas privadas, não podem realmente ser seus destinatários. É claro que há raras ocasiões que oferecem a possibilidade de (tentar) dizer, pessoalmente: “Obrigado Sr. Jeter por ter sido por tantos anos um excepcional *shortstop* para o New York Yankees”, ou “Caro Sr. Montana, eu nunca esquecerei a suave precisão de seus passes para o *touch-down*”. Mas não apenas é (estatisticamente ao menos) improvável que nossos heróis retribuam alguma vez essa gratidão, quanto mais conversarem pessoalmente conosco. Acima de tudo, nós sentimos que a nossa gratidão é uma cujo referente “transcende”, literalmente, o patamar dos indivíduos e das conversações individuais. Neste sentido, a nossa gratidão é similar à gratidão que fez os gregos acreditarem em uma proximidade espacial com os deuses como uma condição para os grandes feitos atléticos. Entretanto, como tantos de nós perdemos, na existência privada, os tradicionais horizontes religiosos da transcendência, esta gratidão se desvia, por assim dizer, em direção ao mundo que nós temos. A gratidão por grandes momentos atléticos torna-se gratidão por aquelas coisas que nós aprovamos, gostamos, desfrutamos e apreciamos em nossa vida corrente. Agradecer pelo que nós temos não nos torna

necessariamente “acríticos” e “afirmativos”. Embora isto deva ser exatamente um medo que explica porque tantos intelectuais, mesmo aqueles que amam assistir ou praticar esportes, têm tanto trabalho para fazer suas pazes com ele.

Referências

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. In praise of athletic beauty. Boston: Harvard UP, 2006.
_____. Production of presence: what meaning cannot convey. Stanford: Stanford UP, 2004.
HEIDEGGER, Martin. An introduction to metaphysics. Trad. Ralph Manheim. New Haven: Yale, 1986.

Tradução: Marcos Henrique da Silva Rosa

Revisão da tradução: Leda Maria da Costa